



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE FILOSOFIA

LUCIANA MARIA DE LIMA

DESENCANTO COM A EDUCAÇÃO E O ENSINO DE FILOSOFIA

Campina Grande – PB

2014

LUCIANA MARIA DE LIMA

DESENCANTO COM A EDUCAÇÃO E O ENSINO DE FILOSOFIA

Relatório de Estágio Supervisionado I apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda

Campina Grande – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732d Lima, Luciana Maria de
Desencanto com a educação e o ensino de filosofia
[manuscrito] / Luciana Maria de Lima. - 2014.
25 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda,
Departamento de Filosofia".

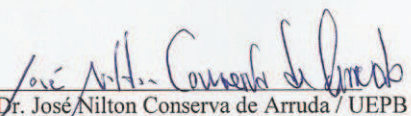
1. Ensino de Filosofia 2. Motivação 3. Educação I. Título.
21. ed. CDD 100

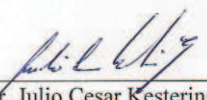
LUCIANA MARIA DE LIMA

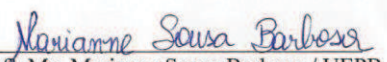
Desencanto com a educação e o ensino de filosofia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 28/11/2014.


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Orientador


Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Examinador


Prof. Ma. Marianne Sousa Barbosa / UEPB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a minha família e aos meus amigos que muito me ajudaram. Um agradecimento especial à minha mãe, ao meu pai, à minha irmã e a Marquinhos que esteve do meu lado todos esses anos. Ao professor Nilton Conserva e às demais pessoas que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta conquista. Muito obrigada.

RESUMO

O desenvolvimento desse trabalho seguiu os passos do nosso estágio supervisionado, de modo que nele encontraremos tanto um relato das nossas experiências quanto uma teorização sobre o que estávamos vivenciando no nosso contato com os alunos em sala de aula. A grande preocupação que norteou a sua construção foi a tentativa de compreender a razão da falta de motivação e conseqüente desinteresse dos alunos e demais professores pelo ensino e aprendizado da filosofia. Assim, apresentamos algumas razões históricas, políticas e pedagógicas que contribuem para o atual quadro de desinteresse, procuramos comparar o aprendizado teórico com os desafios da prática e postulamos algumas conclusões.

Palavras- chave: Ensino de filosofia; Motivação; Educação.

ABSTRACT

The development of this work followed in the footsteps of our supervised training, so that in him we find both an account of our experiences as a theorization about what we were experiencing in our contact with students in the classroom. The grid concern that guided its construction was the attempt to understand the reason for the lack of motivation and consequent disaffection of students by teachers and other teaching and learning philosophy. Thus, we present some historical, political and pedagogical reasons that contribute to the current frame of disinterest, we seek to compare the theoretical learning with practical challenges and postulate some conclusions.

Keywords: Teaching philosophy; Motivation; Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO PEDAGÓGICO.....	10
2.1 Localização da escola.....	10
2.2 Caracterização da estrutura funcional da escola.....	10
2.3 Caracterização do público participante escolar.....	10
2.4 Caracterização dos recursos: humanos, administrativos, didáticos e outros.....	11
2.5 Articulação da instituição com a comunidade.....	11
2.6 Estrutura administrativa- pedagógica.....	11
2.7 Calendário escolar.....	12
2.8 Planejamento.....	12
2.9 Reuniões.....	12
2.10 Proposta pedagógica da escola.....	12
2.11 Histórico da escola.....	13
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
3.1 A Perda de interesse pelo ensino de filosofia.....	13
4. REFLEXÃO FILOSÓFICA.....	17
4.1 A proposta da filosofia e as Orientações Curriculares.....	17
4.2 Ensino de Filosofia: problemas e possibilidades.....	18
5. RECOMENDAÇÕES METODOLÓGICAS.....	20
5.1 Estágio de Regência na Escola.....	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (nº9394/96), o estágio de licenciatura é uma exigência, e o cumprimento de sua respectiva carga horária é requisito exigido para conclusão de curso. O objetivo deste trabalho é relatar as atividades desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia – UEPB- CEDUC II. Nele, está contido o registro do desenvolvimento do nosso estágio na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Barbosa Camelo, mais popularmente conhecida como a Escola PADRÃO, situada na Rua Jose Ricardo Irmão, s/nº, no bairro das Malvinas, na cidade de Boqueirão, Paraíba, CEP: 58450-000. No planejamento de nossa pesquisa, optamos por organizá-la em duas etapas: na primeira, de Março a Maio de 2011, fizemos a observação presencial da organização escolar, desde sua infraestrutura ao aparelhamento pedagógico, bem como a observação das aulas de filosofia; na segunda etapa, de Agosto a Setembro de 2011, procedemos com o aprofundamento da pesquisa bibliográfica e a análise dos registros feitos durante as observações, orientando-nos com a seguinte indagação: O que ocasiona a falta de interesse pelo ensino de Filosofia?

Este relatório procura descrever, analisar e interpretar as experiências vivenciadas, desde as observações em sala de aula até a convivência com os alunos. Desta forma, desenvolvendo e vivenciando situações começamos a ganhar experiência, diretamente inseridos no ambiente escolar, procurando colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação, conhecendo a realidade de uma sala de aula e principalmente de cada aluno, sabendo que o desafio é muito maior do que imaginamos.

Este trabalho também teve como finalidade buscar a razão da “Falta de interesse pela disciplina de filosofia” que foi também a base deste relatório. Esse é um grande problema que nós, enquanto futuros professores, temos que tentar resolver, pois se traduz num sério dilema: como ensinar filosofia no ensino médio e se fazer entender? Entendemos que o ato de lecionar implica muitos desafios, mas, no caso da filosofia, os desafios são ampliados; em primeiro lugar, por conta do seu recente retorno às salas de aula, e, em segundo, devido a falta de crédito que lhe é dada, haja vista que não fica clara a sua função na formação dos alunos.

Em suma, o presente relatório testemunha uma fase do nosso aprendizado, uma oportunidade que tivemos para pôr em prática aquilo que aprendemos como também ampliar os nossos conhecimentos. Registra a nossa primeira experiência com o ambiente escolar, com os alunos em uma situação real de aprendizagem, em que pudemos verificar a funcionalidade de muitas das teorias que havíamos aprendido.

Enfrentamos situações novas que ainda não tínhamos vivenciado e que se transformaram em um verdadeiro laboratório de aprendizagem, uma grande oportunidade de efetuarmos uma prática de ensino e lidarmos com desafios e problemas que certamente acompanharão a nossa jornada como professores.

2. CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO PEDAGÓGICO

O estágio foi realizado na cidade de Boqueirão, no Cariri paraibano, em uma escola da rede estadual. De início, não tivemos qualquer problema, pois nos receberam bem. Os funcionários foram muito receptivos. A escola é situada em um bairro carente da cidade e necessita de quase tudo. Mas, apesar dos problemas, é uma escola bonita e bem espaçosa, com potencial para desenvolver várias atividades educativas e recreativas.

2.1. Localização da escola

A Escola de Ensino Fundamental e Médio Severino Barbosa Camelo está localizada na Rua Jose Ricardo Irmão, s/nº, no bairro das Malvinas, na cidade de Boqueirão, Paraíba, CEP: 58450-000, Endereço eletrônico: escolapadrao@hotmail.com.

2.2. Caracterização da estrutura funcional da escola

A escola funciona do Ensino Fundamental I ao Ensino Médio. Existem também as modalidades de Ensino Normal e a Educação de Jovens e Adultos - EJA. No turno da manhã, funcionam sete turmas, com o número de alunos por sala entre 17 e 20. No período da tarde, funcionam nove turmas de 25 a 30 alunos cada, e, à noite, oito turmas com uma média de 25 alunos cada. A escola atende a um público cuja faixa etária vai dos 5 anos, que compreende os alunos matriculados no ensino fundamental I, até os 35 anos, média de idade dos alunos matriculados nas turmas de EJA e Normal.

2.3. Caracterização do público escolar participante

A escola encontra-se situada próxima às comunidades mais carentes da cidade, logo seu público, na grande maioria, é constituído de pessoas carentes, de baixo poder aquisitivo.

2.4. Caracterização dos recursos: humanos, administrativos, didáticos e outros.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Barbosa Camelo dispõe de nove salas de aula, diretoria, secretaria, sala de informática, biblioteca, sala dos professores, refeitório auditório, quatro banheiros e rampas de acesso para deficientes. A limpeza da escola é feita por turnos.

A escola é gerida pela diretora Rosilda Araújo Freitas, com o auxílio de 2 secretários por turno. No quadro de funcionários, constam 2 disciplinários, 1 bibliotecário, um professor de informática e uma assistente social.

A instituição dispõe de livros didáticos que são disponibilizados para cada aluno e, periodicamente, distribui material escolar para os alunos. Não existe sala de vídeo, nem sala específica para leitura, apenas uma biblioteca.

2.5. Articulação da instituição com a comunidade

A escola tem como vizinhos um mini mercadinho e uma igreja adventista. Não tem um atendimento especializado para alunos com deficiência, embora tenha alguns alunos com necessidades especiais. Esta escola, apesar de estar localizada em área periférica, supre a necessidade de deslocamento da comunidade em que está inserida, já que as demais escolas do município se localizam em pontos distantes.

2.6. Estrutura administrativa- pedagógica

A diretora geral coordena toda a parte administrativa e funcional da escola, junto com seus auxiliares diretos. Eles têm autonomia nos respectivos turnos em que atuam, procurando, através do diálogo e respeito, fazer com que as ações educativas sejam realizadas de forma equilibrada e eficiente.

2.7. Calendário escolar

A escola segue o calendário da Secretaria de Educação do Governo do Estado, bem como as regras e normas determinadas pelo Ministério da Educação - MEC. Nos casos de substituição de professor, o pedido é encaminhado para a Terceira Gerência Regional de Ensino, em Campina Grande, de modo que seja feita a substituição.

2.8. Planejamento

As festas e eventos são programados de acordo com o calendário e tem a participação de todos os funcionários. Estes são, em sua maioria, contratados, contando com apenas 3 efetivos no quadro de servidores.

2.9. Reuniões

Não existe uma periodicidade com relação às reuniões de pais e professores. Já as reuniões pedagógicas são mais frequentes, ocorrendo pelo menos uma vez ao mês, visto que está sendo construído o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

Na escola, cultiva-se um ambiente sempre cordial de ajuda aos professores, alunos, pais e aos demais funcionários.

2.10. Proposta pedagógica da escola

O Projeto Político Pedagógico (PPP) está em fase de elaboração, e todos os professores estão participando de sua discussão, juntamente com os pais e técnicos da Secretaria de Educação.

2.11. Histórico da escola

O nome da escola, Severino Barbosa Camelo, é uma homenagem a uma personalidade histórica da cidade que teve um papel marcante, dando uma grande contribuição no desenvolvimento da educação. Foi fundada no dia 31 de outubro de 2000, procurando atender a grande demanda de alunos das classes menos favorecidas, haja vista a insuficiência de vagas em outras instituições públicas da cidade e a dificuldade de acesso. Teve como fundador, o Senhor Carlos Alberto Pinto Mangueira, Secretário de Educação e Cultura do Estado da Paraíba no Governo de José Targino Maranhão. A primeira diretora da referida escola foi a Senhora Maria Eliezer de Farias Benevides, auxiliada pela vice-diretora Maria José Trindade Silva, que desenvolveu um trabalho reconhecidamente eficiente pela comunidade.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A falta de interesse dos alunos pela educação tem crescido de forma alarmante. Os alunos a cada dia se distanciam do real significado do que é a educação. Com a filosofia não é diferente, a falta de interesse é ainda maior, visto ser uma disciplina relativamente nova para muitos estudantes, tendo em vista que quando ela saiu do currículo escolar, na época da ditadura, muitos nem haviam nascido. A filosofia é uma disciplina muito nova para os alunos.

3.1. A Perda de interesse pelo ensino de filosofia

No dicionário Aurélio (2000, p. 396), a palavra *interesse* possui vários significados, tais como: 1. Lucro material ou pecuniário; ganho. 2. parte ou participação que alguém tem nalguma coisa. 3.vantagens, proveito; benefício. 4. cobiça, avidez. 5. zelo, simpatia ou curiosidade por alguém ou algo. 6. Empenho.

Para responder aos interesses desse trabalho, buscou-se o significado de *empenho*, que no dicionário de filosofia de NICOLAS ABBAGNANO (1998, p. 590) se define como “participação pessoal numa situação qualquer e a dependência que dela

resulta para a pessoa interessada”. Trata-se de um conceito moderno que Kant utiliza no domínio da estética, como finalidade de afirmar o caráter “desinteressado” do prazer que associamos à representação da existência de um objetivo. Esse prazer tem sempre relação como a faculdade de desejar, seja como causa determinante dele, seja como necessariamente atinente a tal causa. Hegel, por sua vez, ao definir o interesse como “O momento da individualidade subjetiva e de sua atividade”, entendia com isso a presença do sujeito na ação. Mas foi Herbart que utilizou sistematicamente a noção de interesse indicando como fim da educação a plurilateralidade dos interesses. Segundo Herbart, o interesse dos fatos está no meio, entre ser espectador dos fatos e neles intervir; em outros termos, é uma participação ainda totalmente ativa ou engajada (ABBAGNANO, 1998, p. 590). O interesse também se distingue do desejo porque, enquanto o objeto deste último ainda não existe, o objeto do interesse já está presente e real.

Ao explorar os diferentes significados, fica visível a falta do desejo de Kant e da participação de Herbart citados acima no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de filosofia. Assim, outro elemento também pode ser acrescentado a estes que é a curiosidade. O aluno precisa sentir que sua curiosidade não é negada. Já que ao longo de nossas vidas não temos o direito de perguntar, de saber o porquê das coisas, seja em casa, seja na escola. Nossa curiosidade é negada, é excluída, castrando desta forma a liberdade de perguntar, porém, se o aluno começa a se sentir atraído pela disciplina, ele vai estar atento a tudo. Assim sendo, sem o interesse e a atração, a filosofia vai continuar sendo mais uma disciplina. É preciso também que o professor demonstre curiosidade perante os alunos. Deve ter sempre presente as palavras de Freire (1980, p. 52) quando afirma que “como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”.

O aluno também sente necessidades de ter sua curiosidade estimulada, de forma que, se ele não for instigado à curiosidade, também não se sentiria atraído por qualquer área do saber. É preciso buscar o ser crítico do aluno, despertar nele o interesse que vai desde um fato, que o marcou no fim de semana, até as disciplinas estudadas na escola. Nesse espaço, só cabe uma relação dialógica aberta, onde exista espaço para o aluno se expressar, e em que haja o respeito mútuo, isto é, que o aluno não invada o espaço do professor e o professor o do aluno. Uma relação de confiança acima de tudo, pois “o

bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento” (FREIRE, 1980. P. 52).

Assim, apesar de todas as dificuldades, mesmo com a falta de interesse e de curiosidade, se faz necessário que o professor tente aproximar o aluno do seu pensamento, falando de forma simples e clara para que o conteúdo seja entendido e desperte interesse e curiosidade para aprofundar. Neste processo de aproximar-se, é necessário comprometimento. Este acontece quando nós, educadores, nos empenhamos na descoberta de pequenas coisas como um olhar de dúvida, um sorriso de satisfação ou até mesmo um olhar de desdém. É imprescindível que o professor/educador se comprometa com a filosofia e tente cativar o maior número de alunos para que se sintam atraídos por ela. É preciso buscar opções para que esse aluno se achegue ao saber, fazendo das minhas ações algo de extrema importância para cada um que passa pela minha sala de aula.

É preciso ação para trazer o aluno de volta ao interesse e, dessa forma, despertar cada vez mais a curiosidade. Também é necessário que um bom desempenho seja realizado, visto que os alunos estão cada vez mais desistindo de aprender. A atração, o fascínio e o desejo se perderam no tempo e no espaço. No lugar destes sentimentos, nem mesmo a curiosidade ficou. Assim, para que esse vazio não se perpetue, é preciso que o professor desempenhe um bom papel para que o aluno se sinta convidado a participar deste “amor pelo saber”.

O professor também deve mostrar ao aluno que vantagens ele vai ter, já que, na sociedade em que vivemos, tudo gira em torno de lucros e vantagens. Deve-se, portanto, dar ao aluno condições para ele perceber que o ensino de filosofia vai lhe oferecer alguma vantagem. Entretanto, é essencial que se reflita sobre o que significa ter vantagem. É necessário mostrar ao estudante que, através da filosofia, é possível ser um sujeito mais crítico, mais consciente e mais sábio.

Em decorrência disso, surge ainda outra questão: E para que serve ser um sujeito crítico? Para a efetiva participação cidadã na escola, em casa ou mesmo no trabalho. Ao se despertar o raciocínio lógico individual, pode-se ganhar em qualidade de percepção da realidade social, dos condicionamentos políticos, da responsabilidade ética de cada um. Fazer entender que, ao conseguir desenvolver o mínimo possível de senso crítico sobre a realidade em que está inserido, ampliar os horizontes de percepção, de

saber escolher com discernimento um sentido para sua vida, o aluno terá compreendido o verdadeiro sentido das vantagens e lucros na filosofia.

Os jovens, por não terem ainda adquirido um grande repertório de experiências de vida, não têm maturidade suficiente não despertam para a educação. Detendo-se desta forma apenas no superficial, que lhes trazem apenas prazeres momentâneos. A filosofia por não se encaixar neste perfil se distancia dos jovens. O ensino de filosofia já é muito difícil, visto ter passado por tantas transformações ao longo dos anos, e se torna mais difícil ainda sem o interesse dos alunos, seus efeitos críticos, na maioria das vezes, se perdem após o término da aula. Não assume nenhum valor para a maioria dos alunos. Além do mais, apesar da inclusão da filosofia como disciplina obrigatória no ensino médio, ela não é vista pelos alunos como matéria relevante já que não possui peso para a reprovação. É considerada mais uma aula cansativa, em que os alunos esperam impacientemente pelo término para irem embora. Ainda que só exista, até o momento, uma aula por semana, apenas no 1º ano médio, tornar a filosofia importante e agradável é uma missão muito complicada, pois todas as condições são adversas.

Esta falta de interesse, mesmo com todos os problemas mais específicos do ensino da filosofia, não é só um problema da filosofia, mas de toda a educação, pois, segundo a Fundação Getúlio Vargas, um em cada quatro brasileiros, de até dezessete anos, está fora da escola. Entre tantos fatores explicativos para a desistência escolar, somou-se agora mais um motivo, que é a falta de interesse pelo estudo. A famosa evasão escolar, que antes era determinada em sua grande maioria pela questão financeira do aluno, pois ele tinha que trabalhar para ajudar a família no sustento, decorre da falta de interesse que acaba ocasionando a desistência: “o jovem desiste da escola quando sente que não está aprendendo os conteúdos apresentados” (PESQUISA INSTITUTO UNIBANCO, 2010, p. 28).

O jovem perdeu o interesse pela maioria das disciplinas escolares, tornando mais difícil o seu aprendizado, com a filosofia não é diferente, pois, por ser uma disciplina que opera com alto nível de abstração, depende totalmente do interesse e dedicação do estudante. Sem um motivo relevante, os alunos não vão se sentir instigados a estudar os conteúdos de filosofia ou qualquer outro. É preciso tentar trazer a disciplina para a sua realidade, para que ela não se torne apenas mais um problema na sua vida. Devemos atentar que, da mesma forma que passamos por dificuldades, os alunos também têm os seus problemas pessoais, cuja influência é forte no que se refere

ao seu distanciamento das aulas. Em muitas vezes, mesmo estando fisicamente presente em sala de aula, seu pensamento está distante. Outras vezes o aluno sai da aula por não ter compreendido ou ainda por não ter paciência com ela. É preciso gerar formas mais simples e dinâmicas para esse aluno se sentir instigado realmente pelos saberes de que a filosofia dispõe.

4. REFLEXÃO FILOSÓFICA

A educação enfrenta um sério desafio que é a falta de interesse da grande maioria dos estudantes. Com a filosofia não é diferente, chega a ser até mais agudo o desinteresse, pois, como é uma disciplina recém-implantada no currículo, não se estabeleceu ainda qual o seu papel na formação dos estudantes. Uma prova disto é que sequer se pode reprovar o aluno que não corresponder às exigências mínimas de frequência e de aprendizado. Segundo os parâmetros curriculares, é de fundamental importância a presença desta disciplina para a completa formação para a cidadania, mas isto só será alcançado se conseguirmos vencer a barreira da falta de interesse dos alunos, o que implica que nós, enquanto educadores, devemos nos dedicar ao ensino de um conteúdo difícil e além do mais procurar torná-lo interessante.

4.1. A proposta da filosofia e as Orientações Curriculares

É possível vermos que a filosofia ainda é um problema a ser resolvido, tanto em sala de aula quanto nas orientações curriculares. Devemos, por um lado, procurar as razões para o desinteresse, e, por outro, pensar em como responder a este desafio. Estes são os principais problemas enfrentados em sala de aula, visto que os alunos não percebem nenhuma vantagem no ensino da filosofia, isto é, em que eles poderiam utilizar esses conhecimentos, já que esse conteúdo não serve para o vestibular, até o presente ano, nem é associado com os problemas do dia-a-dia. Uma constatação então se impõe: “trata-se da reimplantação de uma disciplina por muito tempo ausente na maioria das instituições de ensino, motivo pelo qual ela não se encontra consolidada como componente curricular” (ORIENTAÇÕES CURRICULARES, 2006, p.16).

Precisamos mostrar a esses alunos que a filosofia é uma disciplina muito antiga e é um dos fundamentos da civilização ocidental. No plano específico do conhecimento, devemos enfatizar a dependência de todas as ciências dessa matriz original, daí ser impossível dizer que ela não serve para nada, já que está na origem da medicina, do direito, da matemática, da astronomia e de tantas outras ciências. Será preciso mostrar aos alunos sua importância histórica e quanto ela está associada aos problemas do cotidiano de todos nós. Talvez assim conseguíssemos afastar a impressão de ser mais uma disciplina colocada apenas para preencher o horário. E o mais importante é mostrar porque essa disciplina foi tirada do currículo escolar e só voltou agora depois do processo de redemocratização do país. A ditadura associou a filosofia com o pensamento crítico e revolucionário, devemos então explorar essa associação com a crítica e contestação de valores, pois este poderá ser um fator para atrair os jovens.

Os parâmetros curriculares dizem que deve haver duas aulas semanais, mas o que nós encontramos na nossa experiência foi apenas uma aula semanal, geralmente colocada entre dois outros conteúdos que simplesmente tomam sempre um pouco do horário da aula de filosofia. Daí nos perguntarmos como será possível a filosofia alcançar alguma credibilidade, quando, desde a concepção no planejamento das escolas, ela já é colocada em segundo plano. Apesar de todas estas dificuldades, a filosofia é imprescindível para a formação destes jovens, uma forma de apresentar a eles um mundo novo, o mundo da razão.

Assim, se faz necessário apresentar e seguir o roteiro que a disciplina oferece, conhecer os autores/pensadores clássicos e relacionar com a realidade cotidiana destes alunos, procurando atualizar e desenvolver da melhor forma possível a filosofia. Se não for desta forma, a filosofia perderá o seu significado crítico e formativo, cairá na banalidade e não cumprirá sua função transformadora. Ao se mostrar quão prazerosa pode ser a filosofia, e que tem vantagens e lucros, esta disciplina pode sim fazer a diferença na vida de cada aluno.

4.2. Ensino de Filosofia: problemas e possibilidades

Com o retorno da filosofia ao currículo escolar muito se ganhou em qualidade no ensino, mas ao mesmo tempo foram registradas amplas perdas, visto que uma grande

parte dos professores não tem a devida preparação para ensinar a disciplina. Ainda é grande o número de graduados de outras áreas ensinando filosofia de uma forma totalmente diferente da que deveria ser ensinada. E este é um dos fatores que mais atrapalha a aprendizagem dos alunos na disciplina, já que o ensino de filosofia implica ter realmente um contato com a filosofia, conhecer as obras clássicas, os grandes temas e os principais autores. Munido desta formação, o professor estará equipado para fazer aproximações e paralelos com a vida destes jovens.

Para nós, enquanto professores de filosofia, só será possível alcançar o objetivo de cativar o aluno na disciplina e tentar descobrir a resposta para a melhor forma de ensinar filosofia, se realmente nos dedicamos a um ensino rigoroso e atualizado dos seus conteúdos, daí entendermos que “neste caso, será de nossa relação com a filosofia que extrairemos, digamos assim, a resposta sobre o seu ensino” (GOTO, 2009, p. 96).

Sabemos da imensa dificuldade que é o ensino de filosofia em um contexto no qual a educação passa por uma grande mudança, e nesta busca por respostas, vamos conseguir encontrar o verdadeiro objetivo para a filosofia no Ensino Médio. Mesmo que a filosofia seja ainda colocada em segundo plano, ou relegada ao esquecimento, é possível enxergar um horizonte novo para a filosofia. E aos poucos esse espaço vai sendo preenchido, com muita batalha e com muitos sacrifícios.

Há razões para acreditarmos que, em um determinado momento, a filosofia emergirá desta fase moribunda. Porém, enquanto isso não acontece de fato, vamos batalhando e buscando encontrar melhores meios didáticos e pedagógicos para responder da melhor forma possível aos desafios experienciados e apresentar uma filosofia crítica e essencial a um processo completo de formação para a cidadania e educação integral.

É possível ouvirmos discursos dizendo que a filosofia é coisa de loucos, mas loucos somos todos, pois já foi dito que “de perto ninguém é normal. Com o filósofo pode-se dizer o inverso: de longe, parece louco, mais de perto ate que é normal: há lógica em sua loucura” (GOTO, 2009, p. 103). Assim, a filosofia é tratada como coisa de loucos ou desocupados. Mas é justamente isso que a filosofia não é. É preciso dedicação para entender e captar o verdadeiro sentido dela.

5. RECOMENDAÇÕES METODOLÓGICAS

Neste capítulo, iremos relatar e analisar a nossa experiência, problematizando o que viemos desenvolvendo ao longo deste trabalho: a questão da falta de interesse que atrapalha o desenvolvimento do ensino da filosofia; o descaso dos alunos pelo estudo, realidade presente em todas as disciplinas; o difícil caminho de retorno da filosofia ao Ensino Médio; as expectativas e esperanças presentes nas Orientações Curriculares, na fala dos professores e alunos em relação ao ensino de filosofia.

5.1 Estágio de Regência na Escola.

O curso de filosofia não prepara o seu aluno para o que vai encontrar em sala de aula como professor. E isso só descobrimos quando entramos na sala de aula pela primeira vez. Ao chegar na sala de aula, tivemos um verdadeiro choque, percebemos que ensinar filosofia não é tarefa fácil e muitas vezes nos deparamos com situações bem desagradáveis, tais como o descaso com a disciplina tanto da parte dos alunos quanto dos demais professores e mesmo a coordenação pedagógica. Uma aula semanal, colocada nos dias mais difíceis e nos horários mais rejeitados. A realidade que impera na escola é: “Quero passar para me livrar logo disso”. A filosofia é só mais um conteúdo para se gastar tempo, além do mais, ela não reprova, sendo mais um motivo para ninguém querer saber de estudá-la, pois os jovens buscam apenas coisas práticas e a filosofia não se encaixa nesse perfil de praticidade já que diferente de português e matemática não se usa no cotidiano.

Se o interesse é elemento fundamental para o aluno, fica difícil para o professor segurar o aluno com os temas abstratos da filosofia, muitas vezes tivemos que puxar assuntos que eles conheciam para fazer o paralelo com o tema que estávamos abordando. Apresentamos para eles algumas músicas que tratavam da questão dos mitos, da morte e do medo. Procuramos utilizar recursos para despertar o interesse e trazer o máximo de alunos para a sala de aula. Mas a disciplina de filosofia encontra dificuldades ainda maiores principalmente com relação ao material disponível que existia na escola. Além de ser em número insuficiente, era muito complexo, o conteúdo estaria mais adequado para o nível superior do que para o ensino médio.

É muito importante que os professores e as autoridades competentes tentem escolher o material adequado para os alunos, para que eles não peguem o livro e tenham até medo de segurá-lo. É preciso buscarmos formas de facilitar a vida dos nossos alunos. O interesse dos alunos pela reflexão filosófica ainda está muito distante, é uma utopia de professores e coordenadores, pois os alunos não percebem qualquer vantagem em ter a filosofia como uma disciplina da grade escolar. Alguns alunos colocaram a seguinte questão: “Se a filosofia é uma disciplina tão importante quanto vocês alegam, por que saiu da grade de disciplina das escolas?”. Pudemos então refletir e explicar que para a ditadura não era interessante que o povo raciocinasse. Os que detêm o poder não querem que ninguém possa pensar, se posicionar e até criticar o sistema. Eles preferem um povo alienado, para ser enganado mais facilmente.

Uma segunda pergunta apareceu: “Por que se a filosofia é tão importante não consta como disciplina exigida no vestibular?”. Explicamos que em algumas universidades já colocavam o conteúdo filosófico no vestibular, mas, nas Universidades da Paraíba, não havia ainda essa exigência, porém havia informações de que em breve elas também utilizariam o conteúdo filosófico nos seus vestibulares. Perguntaram ainda: “Se a filosofia é, de fato importante, por que só uma aula por semana de quarenta e cinco minutos?”. Tivemos que parar, respirar fundo, e explicar que o seu retorno era novo, mas a disciplina é uma das mais antigas, a partir dela nasceu o direito, medicina, matemática e tantas outras.

Partindo desta e de tantas outras perguntas que tivemos que responder, pudemos então ter noção de fato do que realmente estava acontecendo com o ensino da filosofia. Descaso da parte das coordenações pedagógicas, dos alunos e demais professores. Foi estabelecida por lei a obrigação de que a disciplina fizesse parte do quadro curricular nas escolas, mas não houve nenhuma preocupação de como ela seria ensinada e por quem. Ao lermos as propostas curriculares, percebemos que nada aconteceu como estava previsto nas normas.

A primeira exigência era de que tivesse pelo menos duas aulas semanais, e só existe uma, colocada entre outros conteúdos mais importantes, entendidos assim por serem cobrados no vestibular. Outra dificuldade é que as aulas são colocadas na sexta-feira, no último horário, quando os alunos só pensam em ir para casa. Diante deste quadro, pudemos constatar que ninguém julga importante a presença da filosofia no processo seletivo, porque na verdade ninguém queria a filosofia na grade curricular.

Porém, já que consta como disciplina, então agora tem que se aguentar de todo jeito. Não houve uma conscientização para os professores e para os alunos quanto à necessidade e à importância da filosofia no ensino.

O desafio de hoje e dos futuros professores de filosofia é buscar alternativas para superar o descaso com a filosofia em todos os âmbitos da educação escolar. O desinteresse dos alunos é problema do século, porém é hora de tentar resgatar o estímulo do aluno pelos estudos e de incentivar para continuar sua caminhada na formação escolar, pois a maioria dos estudantes quer desistir ou simplesmente cumpre uma obrigação enfadonha e desinteressante. Os motivos são os mais variados como já relatamos em outro capítulo. O aluno não tem paciência, perde o interesse ou mesmo vai trabalhar para ajudar a família. Os motivos alegados são os mais diferentes. Porém, se percebesse a importância da educação, mesmo que faltasse algumas vezes, ele não desistiria. Tarefa difícil para o professor de filosofia, que tem um esforço redobrado para justificar o ensino do seu conteúdo. Mas se nós não começarmos fazendo este esforço, quem irá fazer? O mais provável é que o aluno se desestimele e ainda convença os outros de que a filosofia não serve para nada é só mais uma perda de tempo.

Diante deste quadro, podemos perceber, com muita clareza, que um aluno desmotivado puxa o resto da turma e, se o professor não ficar esperto, ele perde a turma toda. É preciso ter atenção com o aluno, procurar cativar de alguma forma. Quantas vezes não fizemos brincadeiras e tivemos que dar balas e pirulitos na sala juntamente com uma mensagem de motivação. Era nestes dias que eles se sentiam mais animados para estudar e para ouvir, não pelo pirulito, mas por alguém ter lembrado de fazer um agrado a eles. Por mais simples que fosse, até uma palavra de motivação e de amizade pra eles contava muito, pois a maioria dos professores entravam na sala de aula enchiam o quadro com o conteúdo, falavam por duas ou três aulas e iam embora sem nem ao menos cumprimentar a turma com um bom dia, uma boa tarde ou uma boa noite.

Escutamos de alguns professores a seguinte recomendação: “Olhe! Não dê muita trela para os alunos, é melhor não ter vínculos com esse povinho.”. Mas de que povinho esse professor falava? Só porque a escola é pública e o aluno é mais carente? Não vemos ninguém como povinho. Entendemos que povinho é quem tem uma mente dessas. Somos todos pessoas, independentes de nossa condição econômica. E, se para ter o aluno motivado, é preciso cativá-lo, que assim seja. Podemos até recordar a reflexão que está no livro o Pequeno Príncipe: “Tu te tornas eternamente responsável

por aquilo que cativas” (SAINT-EXUPÉRY, 1946, p. 72). Não nos importamos de ter este pecado, se quando ao chegar à sala ver os alunos perguntando sobre os clássicos ou sobre outros pensadores que eles por ventura venham a conhecer, nos sentiremos recompensados.

O momento é de mudanças na educação, não funciona mais aquela educação militar, mas uma mais aberta, em que o aluno possa falar, perguntar sem ser criticado. Mostrar uma educação diferente da que tivemos desde a infância, quando éramos retaliados se perguntássemos algo. É hora de pensarmos na educação como uma forma antialienante e não como uma obrigação que temos como professor, sem nos perguntarmos o que o aluno gostaria de aprender. A filosofia está aí pra isso, para mostrar que podemos ser críticos e rápidos, que podemos usar a lógica no nosso dia-a-dia. É preciso ver que a educação mudou, e com ela nós mudamos também, enquanto educadores.

É hora de pensarmos sobre que tipo de vida o aluno tem e por que muitas vezes ele é tão arreado. Será que ele não tem problemas em casa que podem dificultar a sua aprendizagem? Está na hora de sairmos dessa zona de conforto em que nos instalamos, sempre justificando que a vida é assim mesmo, que nada vai melhorar. Não podemos nos deter pelos problemas que vão existir em qualquer área que formos atuar, seja na educação, na saúde, ou qualquer outra. O mundo está desta forma complicada, onde não existe o símbolo da família, do respeito mútuo e cabe a nós esta tarefa de tentar mostrar ao aluno que o conformismo não é a melhor escolha, que se pode fazer diferente. Por isso, é preciso lutar para enfim conseguirmos conquistar o espaço da filosofia na educação brasileira.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das atividades mais relevantes da disciplina de Estágio Supervisionado é a observação das aulas ministradas por um professor do Ensino Médio, e posteriormente a realização da prática, a inserção do licenciado na sala de aula. Esta atividade nos aproxima mais da escola real, dos alunos e dos seus problemas. Dessa experiência pudemos constatar a falta de interesse dos alunos no aprendizado da filosofia. Tivemos oportunidade de observar e vivenciar a metodologia de ensino adotada pelo professor regente, compararmos com o que havíamos aprendido e com a metodologia que imaginávamos poder executar.

Com a atividade de observação, pudemos detectar problemas existentes na sala de aula. Tivemos a oportunidade de inserirmo-nos nas atividades da escola, desenvolvendo a prática docente e ao mesmo tempo comparando e avaliando o trabalho dos professores com quem fazíamos parceria. Assim, procuramos desenvolver nosso trabalho da melhor forma possível, tentando, mesmo em face das nossas limitações, responder a alguns desafios que observamos. Acredito que conseguimos minimizar alguns dos problemas dos alunos durante o tempo em que estivemos em sala de aula. Esse período de estágio foi fundamental para pensar e definir os caminhos para prática docente que trilharemos.

Portanto, foi a partir destas atividades de observação e regência que pudemos desenvolver nosso potencial como futura docente, definir qual seria a nossa função em sala de aula como futura professora de filosofia. Foi aprendendo junto com as turmas que por nós passaram que exercemos de forma mais qualitativa o nosso trabalho enquanto professora, pois ser professor não é o simples ato mecânico de ensinar, mas é instigar, é ser crítico e atuante na área escolhida.

Assim, a disciplina de Estágio Supervisionado é uma oportunidade única e real de se poder colocar em prática tudo que é aprendido em sala de aula durante a graduação, pois com o desenvolvimento das observações e regência pudemos visualizar o verdadeiro papel do professor dentro de uma escola. O verdadeiro sentido da palavra “lecionar”.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

FREIRE PAULO. **Conscientização. Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.

HORN, Geraldo Balbino. **Ensinar Filosofia: Pressupostos Teóricos e Metodológicos**. Ijuí: Unijuí, 2009.

OBIOLS, Guilherme. **Uma Introdução do ensino da filosofia**. Trad. Silvio Galo. Ijuí: Unijuí, 2002.

Pesquisa Instituto Unibanco. (Como você pode perder seus alunos). São Paulo: Abril, 2010.

Secretaria de Educação Básica. Ciências humanas e suas tecnologias. Vol. 3. Brasília: Ministério da educação, 2006.133 p. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio).

SANT-EXUPERY, **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1946.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Mini dicionário da língua portuguesa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.